
Moda como meio de comunicação: corpo-território, estética negra e resistência¹

Vinicius Araujo de Freitas²

Maria Nazareth Bis Pirola³

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

Este trabalho investiga como a atriz Clara Moneke se constrói como figura estética da negritude, analisando conteúdos das páginas Steal The Look e Africanize Oficial, no Instagram. Parte-se da ideia de que a moda é também meio de comunicação e pode operar como linguagem de resistência. Articula ainda os conceitos de território simbólico e corpo-território para compreender a visibilidade no ambiente digital, considerando o papel dos algoritmos na circulação das imagens. Trata-se de pesquisa qualitativa, com base na metodologia da semiótica discursiva e plástica. As análises evidenciam uma estrutura narrativa que desloca o corpo negro da invisibilidade histórica, alçando-o como território de afirmação e reexistência, mesmo em um ambiente digital marcado por intensas disputas semióticas e algorítmicas.

Palavras-chave: comunicação; moda; estética negra; corpo-território; semiótica discursiva

Introdução

A moda, historicamente associada ao consumo e à futilidade, assume outras dimensões quando mobilizada por sujeitos historicamente marginalizados. No caso de pessoas negras, a moda pode operar como uma forma de resistência simbólica e de afirmação identitária, revelando-se não apenas como estilo, mas como linguagem. Em ambientes digitais como o Instagram, essa dimensão estética adquire alcance ampliado, convertendo-se em uma prática comunicacional que tensiona os limites entre o pessoal e o político, o corpo e a narrativa, o cotidiano e a performance.

Nessa perspectiva, os espaços digitais podem ser compreendidos como territórios simbólicos de disputa, onde diferentes sujeitos constroem e negociam sua visibilidade e presença. Inspirado em Haesbaert (2023), este trabalho entende o território não como mero espaço físico, mas como uma construção relacional, marcada

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-mail: viniciusaraujo66@gmail.com.

³ Orientadora. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA). Mestre e Doutora em Educação (UFES). Email: n.pirola@uol.com.br

por fluxos, afetos e conflitos. A partir disso, o corpo — especialmente o corpo negro — pode ser interpretado como um território de significação e resistência, conforme o autor desenvolve em outro texto (Haesbaert, 2020), ao tratar do conceito de corpo-território como espaço de memória, disputa e afirmação política.

Neste contexto, a atriz Clara Moneke tem se destacado por construir uma presença digital em que a moda é central. Por meio de postagens que exibem seus looks em momentos aparentemente ordinários — como o trajeto para gravações de novelas — Moneke mobiliza códigos estéticos que afirmam sua negritude de forma inventiva, elegante e dissidente. Sua atuação nas redes sociais desafia o lugar normativo reservado às estéticas negras na mídia, questionando quem pode ser considerado referência de estilo e em quais espaços.

Este estudo tem como *corpus* duas postagens do Instagram que destacam a presença estética de Clara Moneke: uma publicada pela página Steal The Look, voltada ao universo da moda; e outra pela página Africanize Oficial, centrada na valorização da cultura negra. Ambas as publicações apresentam a atriz como figura fashionista, utilizando o carrossel de imagens e legendas para construir uma narrativa que conecta estilo, cotidiano e identidade.

A partir disso, este trabalho busca responder à seguinte questão-problema: como a atriz Clara Moneke é representada como figura estética e simbólica da negritude em postagens de páginas com enfoques distintos — uma voltada à moda e outra ao ativismo racial — em ambientes digitais de visibilidade midiática?

Para responder a essa pergunta, este estudo tem como objetivo geral analisar de que forma a estética negra é mobilizada nas postagens sobre Clara Moneke como forma de comunicação e resistência simbólica. De modo específico, busca-se examinar os elementos visuais, textuais e compositivos das postagens que constroem a imagem de Moneke como referência estética e política. Objetiva, ainda, compreender como diferentes nichos discursivos — o da moda e o da cultura afrocêntrica — contribuem para a circulação de sentidos sobre a moda negra nas redes sociais.

A pesquisa adota como metodologia a semiótica discursiva, conforme proposta por Greimas e Courtés (1979) e sistematizada por Souza e Pirola (2017), permitindo compreender como os sentidos são construídos nos planos do conteúdo e de expressão.

Essa abordagem possibilita analisar os percursos narrativos, discursivos e plásticos na produção de significados de Clara Moneke.

Considera-se ainda que essas imagens circulam em plataformas digitais submetidas a regimes algorítmicos de visibilidade (Beiguelman, 2021), o que implica em disputas por atenção, alcance e reconhecimento, atravessadas por marcadores sociais como raça e gênero.

Fundamentação Teórica

A presença de corpos negros nos espaços midiáticos tem sido, historicamente, marcada por processos de invisibilização, controle simbólico e estigmatização, que tensionam e limitam as formas de expressão da estética negra. Para hooks (2019), a estética negra deve ser compreendida como uma linguagem política de resistência, por meio da qual sujeitos negros não apenas respondem aos estigmas impostos pela branquitude dominante, mas criam modos próprios de existir, comunicar e significar o mundo. Em sua formulação, a autora propõe uma estética “estranha e opositiva”, que rompe com o ideal de beleza eurocêntrico e propõe uma valorização da experiência negra como fonte de criação, saber e estilo.

A moda, nesse contexto, não é apenas um recurso ornamental, mas uma prática comunicacional situada. Quando uma mulher negra escolhe cuidadosamente seus acessórios, penteado ou roupa, como observa hooks, ela está realizando um gesto político — especialmente quando esses elementos se conectam com memórias ancestrais, afetos e práticas culturais negras. A autora defende que essa estética não busca aceitação nas lógicas do consumo branco, mas afirma outras formas de beleza e presença, ligadas à coletividade, à subjetividade e à reinvenção dos modos de ser. Dessa forma, a estética negra opera como gesto de autonomia e como prática de resistência.

A compreensão da moda como linguagem comunicacional se consolida a partir de autores como Barnard (2003), McLuhan (1964) e Maffesoli (1996), cujas formulações são sistematizadas por Pirola (2025). Para Barnard (2003), a moda deve ser entendida não como simples canal de envio de mensagens, mas como um sistema de produção e troca de significados, no qual a indumentária funciona como signo cultural que possibilita a constituição da identidade. Já McLuhan (1964), ao considerar o vestuário uma “extensão da pele”, aponta que a roupa participa diretamente da

construção do ser social. Em diálogo com essa perspectiva, Pirola (2025) articula esses aportes para defender que o vestuário é também uma linguagem não verbal que permite ao sujeito comunicar sua posição no mundo, funcionando como ponte ou porta — metáforas de aproximação ou distanciamento social, como propõe Simmel (1981). Assim, quando articulada à estética negra, a moda pode ser compreendida como forma de comunicação política e cultural, operando como mídia que constrói sentidos, produz narrativas e reinscreve presenças no território digital.

Essa compreensão da estética como prática territorializada se articula com os aportes de Rogério Haesbaert (2023), ao tratar o território como uma construção relacional e simbólica, que vai além da dimensão físico-geográfica. Para o autor, o território é sempre um espaço de disputa — por visibilidade, por representação, por identidade. Nesse sentido, os ambientes digitais podem ser compreendidos como territórios simbólicos onde se negociam formas de presença, reconhecimento e resistência, sobretudo para corpos racializados. Quando Clara Moneke posta seus looks no Instagram, ela não apenas compartilha imagens — ela reivindica um território de estilo, de voz e de narrativa, em um espaço onde historicamente o negro foi invisibilizado.

Em diálogo com esse raciocínio, a noção de corpo-território, também desenvolvida por Haesbaert (2020), amplia o entendimento do corpo negro como espaço de inscrição de memórias, afetos e resistências. O corpo, especialmente de sujeitos que vivem formas interseccionadas de opressão, torna-se o primeiro e o último espaço de defesa. Como território político, ele não apenas resiste: ele enuncia. A moda, nesse contexto, pode ser compreendida como uma extensão do corpo-território, uma forma de expressão que comunica pertencimentos, rupturas e posicionamentos no mundo.

Para ampliar essa discussão no campo das mídias digitais, é fundamental considerar o que Giselle Beiguelman (2021) propõe ao analisar a circulação das imagens na internet como parte de uma dadosfera: um ambiente de controle e processamento algorítmico, em que imagens são transformadas em dados, classificados, ranqueados e entregues conforme padrões invisíveis. Beiguelman (2021) denuncia como essa curadoria algorítmica opera dentro de lógicas de visibilidade que frequentemente reproduzem apagamentos e racializações, promovendo a hipervisibilidade de alguns corpos e a exclusão de outros. No contexto das redes sociais, a presença de sujeitos

negros — mesmo quando performada com estética sofisticada e curadoria refinada — continua sujeita a esse filtro, que define quem pode circular, alcançar e influenciar. Assim, a imagem de Clara Moneke enquanto figura fashionista também disputa um espaço em plataformas cujo funcionamento técnico é atravessado por desigualdades raciais estruturais. O olhar semiótico, nesse caso, deve considerar não só o que é mostrado, mas também o que é permitido aparecer.

Em paralelo ao exposto, a obra de Grada Kilomba (2019) oferece uma análise profunda sobre os efeitos subjetivos e epistêmicos do racismo cotidiano, especialmente nas vivências de mulheres negras. A autora articula saberes da psicanálise, da teoria pós-colonial e da performance para compreender como o sujeito negro é historicamente silenciado, expropriado de sua voz e de sua capacidade de narrar sua própria existência. Esse silenciamento, segundo Kilomba (2019), opera não apenas em níveis individuais, mas também estruturais, transformando a linguagem, a escuta e a imagem em ferramentas de exclusão. Em resposta, a autora propõe a escrita e a performance como práticas de resistência e de reapropriação do “eu”, num movimento de descolonização do ser. Ao se narrar, o sujeito negro recusa o lugar da alteridade imposta e passa a ocupar o centro de sua própria enunciação. Assim, as performances estéticas de Clara Moneke no Instagram podem ser compreendidas como práticas de reexistência e afirmação, que rompem com os discursos coloniais da representação e inscrevem novas possibilidades de ser e aparecer no território digital.

Metodologia

A análise será conduzida com base na semiótica discursiva, conforme proposta por Greimas e Courtés (1979) e sistematizada por Souza e Pirola (2017), que compreende a construção de sentido a partir de dois planos interdependentes: o plano de conteúdo e o plano de expressão. No plano de conteúdo, encontra-se o percurso gerativo de sentido, que se estrutura em três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. O nível fundamental trata das oposições semânticas que organizam os sentidos mais profundos do texto, como vida e morte, presença e ausência, ou visibilidade e invisibilidade. Em seguida, o nível narrativo estrutura os sujeitos do discurso — os chamados atores — que, ao longo da narrativa, entram em ação para alcançar um objeto de valor, geralmente por meio de objetos modais, como o saber, o

poder ou o dever. Esse percurso é marcado por performances que podem ser avaliadas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas), culminando em uma sanção que define o sucesso ou fracasso na obtenção do objeto de valor. Já o nível discursivo é responsável pela individualização da narrativa, estabelecendo os marcos de tempo e espaço, as características das personagens e o ponto de vista da enunciação. Paralelamente, o plano de expressão corresponde à plasticidade do texto e abrange os chamados formantes cromáticos, eidéticos (formas), topológicos e matéricos. Esses elementos compõem a superfície sensível da linguagem e são responsáveis pela formalização dos sentidos. Assim, a semiótica discursiva permite compreender não apenas o conteúdo temático das postagens analisadas, mas também os modos pelos quais os sentidos são performados, atualizados e visualmente articulados, considerando os elementos estéticos, narrativos e simbólicos presentes na representação de Clara Moneke.

Resultados e Discussões

A análise a seguir se orienta pela semiótica discursiva, articulando os planos de conteúdo e de expressão para investigar os sentidos construídos nas postagens de Clara Moneke no Instagram. A Figura 1 apresenta uma composição de imagens extraídas dos perfis @africanizeoficial e @stealthelook, que servirá como base para discutir como a narrativa e visualidade operam na construção de sua imagem como referência de estilo e presença negra nas mídias digitais.

Figura 1 – Composição de looks publicados por Clara Moneke nos perfis @africanizeoficial e @stealthelook no Instagram.



(Edição própria). Fonte: (Instagram, acesso em 1 jun. 2025 / Imagens: @africanizeoficial e @stealthelook)

A análise parte da composição visual que reúne os dois posts das páginas Steal The Look e Africanize Oficial, em que a atriz Clara Moneke aparece com diferentes produções de moda. No plano de conteúdo, observa-se, no nível fundamental, a oposição semântica entre visibilidade e invisibilidade, que estrutura a significação da performance estética apresentada. Ao ocupar o espaço de destaque em duas páginas com públicos e propósitos distintos, Moneke rompe com a lógica histórica de apagamento de corpos negros na moda e projeta uma presença afirmativa, que tensiona padrões estéticos brancos e eurocentrados.

No nível narrativo, Moneke, como sujeito da ação, opera um fazer rumo a um querer-ser vista, pela tela do seu celular. Ela olha para si mesma e também se dá a ver para outros sujeitos. Assim, podemos inferir que o objeto-valor desse sujeito que se vê e se mostra é a visibilidade, que se mostra positiva/eufórica. Tal visibilidade, reconhecimento enquanto referência de estilo, autenticidade e sofisticação é construída por objetos-modais, tais como: saber estético, a curadoria dos looks, as vestes e adereços e o domínio da linguagem visual-midiática. Essa narrativa, em interação com os leitores, é também sancionada euforicamente pela legitimação promovida pelas páginas digitais e, implicitamente, pelo engajamento das redes. Já no nível discursivo, os posts revelam a projeção unicamente de Moneke, com 8 figuratividades diferentes de vestes e adereços, o que nos leva a um efeito de sentido de um sujeito diverso, versátil, com várias possibilidades de ser. O corpo em perfil, buscando seu autoespelhamento, mistura intimidade e exibição, além de reforçar a temática das redes sociais digitais, já que o objeto por meio do qual pode ser vista não é um espelho tradicional, mas um aparelho celular. Tal cenário nos remete a um tempo presente, contemporâneo.

No plano de expressão, a plasticidade reforça a construção simbólica. A diversidade cromática — do branco ao rosa vibrante, passando por tons terrosos e pastel — aponta para a liberdade de experimentação estética e comunica sofisticação e presença. As peças escolhidas (trench coats, vestidos de alfaiataria, sobreposições ousadas, acessórios) evidenciam domínio de repertório visual. A postura corporal diante do espelho/uso do celular como mediador reforçam a noção de performance. Moneke se torna sujeito e objeto da enunciação: ela produz, registra e compartilha sua própria imagem. As formas são arredondadas, passando um efeito de leveza, organicidade e

movimento. A topologia mostra Moneke sozinha, numa espacialidade central, remetendo a um protagonismo e foco das atenções.

As legendas das postagens reforçam essa construção simbólica. A página Steal The Look enuncia a imagem de Moneke com um tom leve e celebrativo, destacando sua atuação como “fashionista de mão cheia” e sugerindo seus visuais como inspiração diária. Há uma sanção positiva e direta, com ênfase em estilo e consumo. O ponto de vista enunciativo é informal e interativo, típico da cultura do lifestyle digital. Já a Africanize Oficial articula moda, identidade e ancestralidade ao afirmar que Moneke se destaca não apenas nas telas, mas também por seu “estilo único”. A legenda valoriza a construção estética da atriz como expressão de autenticidade, vinculando sua performance a processos de memória, curadoria e referência cultural. O sujeito da enunciação é coletivo, afrocentrado e comprometido com a afirmação da identidade negra.

Essas construções discursivas se articulam à compreensão da moda como linguagem política (hooks, 2019), meio de mediação e mass media (Pirola, 2025), e à ideia de corpo-território (Haesbaert, 2020). A imagem de Moneke, ao circular entre diferentes páginas, ativa disputas simbólicas e estéticas. Sua performance estética nas redes também pode ser compreendida como uma forma de reexistência (Kilomba, 2019), em que vestir-se torna-se um ato político e de narrativa de si. Por fim, considerando a dinâmica algorítmica das redes (Beiguelman, 2021), sua visibilidade está sempre em negociação com lógicas técnicas que filtram, classificam e amplificam discursos. Assim, Clara Moneke não apenas veste roupas: ela territorializa a moda de estética negra reexistindo em territórios digitais de intensas disputas simbólicas.

Considerações Finais

A análise das postagens de Clara Moneke nas páginas Steal The Look e Africanize Oficial revelou como a moda, quando apropriada por sujeitos negros, opera como linguagem de resistência e ferramenta de visibilidade. A partir da semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 1979), foi possível compreender como a atriz estrutura uma narrativa que desloca o corpo negro da invisibilidade histórica, ativando sentidos no plano simbólico e expressivo. Sua performance estética nas redes se articula a uma estética negra opositiva (hooks, 2019), que transforma o corpo em território de

afirmação. Já as mídias, em especial, o instagram, atuam proliferando imagens mediadas por imagens (Karhawi, 2000). Afinal, “o cerne do espetáculo é fazer-ver” (Karhawi, 2000, p.42), pois a visibilidade contemporânea requer que tudo seja “documentado, mostrado e visto pela mídia” (Karhawi, 2000, p. 48).

Nesse processo, as redes sociais operam como espaços de disputa e reexistência, marcados tanto pela potência criativa desses sujeitos quanto pelos limites impostos pela curadoria algorítmica (Beiguelman, 2021).

Referências

AFRICANIZE OFICIAL. Clara Moneke que se destaca como protagonista dentro e fora das telas com seu estilo. Instagram: @africanizeoficial. [S.l.], 2024. Postagem. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJ4wYfbSdDg/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 27 maio 2025.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera** [livro digital]. São Paulo: Ubu Editora, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B09N8Y3CR9>. Acesso em: 27 maio 2025.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HAESBAERT, Rogério. Conceitos fundamentais da Geografia: território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, e61073, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/61073>. Acesso em: 27 maio 2025.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100/0>. Acesso em: 27 maio 2025.

HOOKS, bell. Uma estética da negritude: estranha e opositiva. In: HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais** [livro digital]. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 155–168. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B082TV9F1D>. Acesso em: 27 maio 2025.

KARHAWI, Issaaf. **De blogueira a influenciadora**: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KILOMBA, Grada. A máscara; Descolonizando o eu. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 33–46; p. 213–238. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

MACLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PIROLA, Maria Nazareth Bis. Interfaces comunicação e moda. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 28., 2025, Campinas. **Anais do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2025. Edição digital. Organização: Ariane Carla Pereira; Maria do Carmo Silva Barbosa. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/18/2693/0330202513500867e97640f276d.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SIMMEL, Georg. **Essai sur la sociologie des sens**. In: Sociologie et Épistémologie, Presses Universitaires de France, 1ª edição de 1981.

SOUZA, Flávia Mayer dos Santos; PIROLA, Maria Nazareth Bis. O encontro da teoria semiótica com a publicidade e o consumo. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (org.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. Vitória: Edufes, 2017. p. 206–218.

STEAL THE LOOK. Precisamos falar sobre os looks de Clara Moneke. Instagram: @stealthelook. [S.l.], 2024. Reel. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DKPKotYNckm/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 27 maio 2025.